

XX COLÓQUIO DA UNICAMP KANT

Kant e as Ciências

XXth Kant Colloquium – Kant and the Sciences

CADERNO DE RESUMOS
Book of Abstracts

14 - 16
SETEMBRO, 2022
Campinas, Brasil



COMISSÕES

Comissão Organizadora/Organizing Committee

Daniel Omar Perez (UNICAMP)
Fábio César Scherer (UEL)
Luhan Galvão Alves (UNICAMP/IFMT)
Luis Cesar Yanzer Portela (UNIOESTE-Campus Toledo)
Zeljko Loparic (PUC-SP/UNICAMP)

Comissão Científica/Scientific Committee

Eduardo Salles de Oliveira Barra (UFPR)
Fábio Tenório de Carvalho (UFPE)
Joãosinho Beckenkamp (UFMG)
Luciana Martínez (UBA/UFPR)
Orlando Bruno Linhares (Mackenzie)
Marcos César Seneda (UFU)
Oswaldo Frota Pessoa Jr. (USP)
Rafael Rodrigues Garcia (UNICAMP)
Ubirajara Rancan de Azevedo Marques (UNESP)

Edição e Revisão/Edition and Review

Luhan Galvão Alves (UNICAMP/IFMT)

Projeto Gráfico/Layout

Ricardo Cioldin (Secretaria de Eventos IFCH/UNICAMP)
Paulo Prior (Secretaria de Eventos IFCH/UNICAMP)

PARCERIA / REALIZAÇÃO E APOIO

Parceria/Partnership

Seção de Campinas da Sociedade Kant Brasileira (SKB)
Kant e-Prints – Revista Internacional de Filosofia
GT Criticismo e Semântica (ANPOF)

Realização e Apoio/Realization and Support

Secretaria de Eventos (IFCH/UNICAMP)
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE/UNICAMP)
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)



PROGRAMA

14 de setembro – 4ª feira (Wednesday)

Horário
de Brasília

- 09h:15** **Abertura do Evento (Virtual)**
Dr. Daniel Omar Perez (IFCH/UNICAMP)
Presidente da Seção de Campinas da Sociedade Kant Brasileira
- Dr. Márcio Augusto Damin Custódio (IFCH/UNICAMP)
Coordenador da Graduação
- 09h:30** **Sessão Plenária I – Abertura (Virtual)**
09h:30 Dra. Ina Goy (Beijing Normal University) 8
On biodiversity heritage – Kant, Darwin, Gray
- 10h:15 Dra. Silvia De Bianchi (Università degli Studi di Milano) 8
Understanding the World through the “Übergang”: Kant on the Foundations of the
Sciences
- Mediadora: Dra. Maria de Lourdes Borges (UFSC)
- 12h:00** **Intervalo para almoço**
- 14h:00** **Conferência I (Auditório Fausto Castilho)**
14h:00 Dra. Luciana Martínez (UBA/UFPR) 9
Kant e a geometria
- Mediadores: Dr. Daniel Omar Perez (UNICAMP); Dr. Luis Alberto Canela Morales
(Universidad Veracruzana)
- 15h:00** **Conferência II (Auditório Fausto Castilho)**
15h:00 Dr. Orlando Bruno Linhares (Mackenzie) 9
Matéria, espaço e movimento nos Primeiros princípios metafísicos da foronomia
- Mediadora: Dra. Luciana Martínez (UBA/UFPR)
- 16h:00** **Intervalo para lanche**
- 16h:30** **Conferência III (Auditório Fausto Castilho)**
16h:30 Dr. Eduardo Salles de Oliveira Barra (UFPR) 10
Kant e o problema de Newton
- Mediador: Dr. Orlando Bruno Linhares (Mackenzie)

15 de setembro – 5ª feira (Thursday)

08h:00	Sessão de Comunicações I (Virtual)	
	Ítalo Rio Tinto (UNICAP) & Dr. Danilo Ribeiro Costa (UNICAP)	20
	Por uma Filosofia da Ação em Kant: um estudo da Terceira antinomia da razão pura	
	Júlia Aschermann Mendes de Almeida (UFSC)	20
	Uma interpretação alternativa e kantiana do experimento de Libet: em defesa do livre arbítrio	
	Giovanni Sarto (USP)	21
	A “Arqueologia da Natureza” (§80) sob o escrutínio da Crítica	
	Mediador: Dr. Daniel Omar Perez (UNICAMP)	
10h:00	Painel Temático I (Virtual)	
10h:00	Dr. Fábio Tenório de Carvalho (UFPE)	11
	A abordagem transcendental das inferências abduativas no processo de investigação científica	
11h:00	Dr. Luís Eduardo Ramos de Souza (UFPA)	11
	Kant e o conceito puro e aplicado das ciências formais e empíricas: o problema da lógica pura e aplicada	
	Mediador: Dr. Daniel Omar Perez (UNICAMP)	
12h:00	Intervalo para almoço	
14h:00	Conferência IV (Auditório Fausto Castilho)	
14h:00	Dr. Osvaldo Frota Pessoa Jr. (USP)	12
	Mente e Númeno: Kant, Clifford e os atuais estudos científicos da consciência	
	Mediadoras(es): Dra. Luciana Martínez (UBA/UFPR); Dr. Fábio Tenório de Carvalho (UFPE)	
15h:00	Conferência V (Auditório Fausto Castilho)	
15h:00	Dr. Zeljko Loparic (PUC-SP/UNICAMP)	13
	Kant e a Ciência do Homem	
	Mediador: Dr. Daniel Omar Perez (UNICAMP)	

16 de setembro – 6ª feira (Friday)

08h:00	Sessão de Comunicações II (Virtual)	
	Dr. Bruno Camilo de Oliveira (UFERSA)	21
	A representação científica a partir das “Analogias da experiência” de Kant	
	Pedro Casalotti Farhat (USP)	22
	Filosofia natural e metafísica da natureza: Mairan e Châtelet como fontes científicas da filosofia do jovem Kant (1747)	
	Luhan Galvão Alves (UNICAMP)	23
	Kant e Mayr: Teleologia e Biologia evolutiva	
	Mediador: Dr. Luis Cesar Yanzer Portela (UNIOESTE)	
10h:00	Painel Temático II (Virtual)	
10h:00	Dr. Marcos César Seneda (UFU)	13
	Sobreposições metateóricas do espaço em Kant, Leibniz e Newton	
11h:00	Dr. Luis Alberto Canela Morales (Universidad Veracruzana)	14
	Sobre la adquisición de los conceptos matemáticos. Kant y el problema del álgebra	
	Mediador: Dr. Luís Eduardo Ramos de Souza (UFPA)	
12h:00	Intervalo para almoço	
14h:00	Conferência VI (Auditório Fausto Castilho)	
14h:00	Dr. Luis Cesar Yanzer Portela (UNIOESTE)	15
	A natureza da filosofia transcendental (ontologia) enquanto a primeira ciência da metafísica da natureza	
	Mediador: Dr. Daniel Omar Perez (UNICAMP)	
15h:00	Painel Temático III (Auditório Fausto Castilho)	
15h:00	Dr. Rafael Rodrigues Garcia (UNICAMP)	16
	O 'conflito das faculdades' no século XX: A renovação kantiana da Escola de Marburgo	
16h:00	Dr. Lucas Alessandro Duarte Amaral (PUC-SP)	16
	Semelhanças e diferenças entre as filosofias de Kant e Cassirer: observações sobre o método e o Faktum da ciência	
	Mediador: Dr. Adriano Ricardo Mergulhão (IFSP – Campus Catanduva)	
17h:00	Intervalo para lanche	
17h:30	Mesa em homenagem à 20ª edição do Colóquio Kant (Aud. Fausto Castilho)	
	Dr. Daniel Omar Perez (UNICAMP). Dr. Zeljko Loparic (PUC-SP/UNICAMP). Dr. Joãozinho Beckenkamp (UFMG). Dr. Orlando Bruno Linhares (Mackenzie).	
18h:00	Sessão Plenária II – Encerramento (Virtual)	
18h:00	Dr. Fábio César Scherer (UEL)	17
	Método dos “Prolegômenos” na investigação das ciências teóricas da razão	
19h:00	Dr. Ubirajara Rancan de Azevedo Marques (UNESP)	17
	Sulzer, Tetens e Kant a propósito de “préformation générale”, “Epigenesis durch Evolution” e “generische Präformation”	
	Mediador: Dr. Daniel Omar Perez (UNICAMP)	

RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS

On biodiversity heritage – Kant, Darwin, Gray

Ina Goy

Beijing Normal University – Beijing, China

How has the diversity of species been established and which changes of species have occurred through time? Have species been created at the beginning of time, or at punctuated intervals through time, and are distinct and relatively stable? Or have species come into being by a gradual process of genetic differentiation and natural selection under environmental pressures, and are transformative and evolving rather than stable and distinct? Kant responds to these questions in the tradition of natural theology. He describes the origin and successful adaptation of distinct species to different environments as a result of a divine designer's agency through created powers and laws of nature. In contrast to Kant's (regulative) religious-scientific account, Darwin avoids the question of the ultimate origin of the species. He explains the transformation and evolution of species in naturalistic, scientific terms through a process of natural selection aiming at the survival of the fittest. Gray, as Darwin, doubts the creation of distinct species at the beginning of time. But against Darwin's naturalistic idea of evolution, Gray claims the theistic evolution of species guided by a creator God. In this paper, I will investigate the explanatory value of the three alternative accounts of biodiversity heritage. Though I will side with Darwin's naturalistic, scientific account, I expect religious believers to find religious-scientific accounts such as Kant's or Gray's more appealing.

Understanding the World through the “Übergang”: Kant on the Foundations of the Sciences

Silvia De Bianchi

Università degli Studi di Milano – Milan, Italy

In my contribution, I will explore how the late Kant thought about the foundations of the natural sciences to grasp the order of the natural world. I will do so by investigating a) the perspectives open by the *Critique of the Power of Judgement* and b) the scientific *milieu* in which Kant worked in the 1790s, thereby identifying the scientific and philosophical questions that directly interested him. In the second part of my talk, I shall focus on the impact that these two aspects had on shaping the Kant's view of “transition” in the late writings, especially in the *Transition from the Metaphysical Foundations of Natural Science to Physics* collected in the *Opus postumum*. I shall show how the transcendental principles of pure reason still play a role therein, but at the same time I will emphasize the great impact that Kant's late view of the ether – hypostatized space understood as necessary postulate – had for his foundations of cosmology and natural sciences at large.

Kant e a geometria

Luciana Martínez

Universidad de Buenos Aires – Buenos Aires, Argentina / Universidade Federal do Paraná – Curitiba, Brasil

Esta contribuição examina a visão kantiana da geometria, revendo alguns aspectos de seus procedimentos metodológicos. A explicação dos procedimentos da geometria se enquadra, na pesquisa kantiana, numa tentativa de explicar por que o método da matemática não é vantajoso nas investigações da filosofia pura. Em primeiro lugar, na contribuição analisa-se a natureza das definições com as quais se inicia a pesquisa na geometria. A diferença com respeito a meras definições nominais e exposições é explicada. Em segundo lugar, é estudada a natureza dos axiomas da geometria. Estes são juízos sintéticos a priori que podem ser exibidos na intuição. Estes juízos, em particular, têm uma certeza imediata, o que os distingue das afirmações fundamentais de outras ciências. Neste caso, especificamos a diferença entre os axiomas e os postulados. Finalmente, abordamos a noção de demonstração matemática. Esta demonstração difere das demonstrações das ciências empíricas, tais como a do anatomista que exhibe as propriedades de um órgão em um espécime dele. Além disso, a demonstração matemática difere de outros tipos de provas, como, por exemplo, as provas acroamáticas de filosofia. Finalmente, vamos rever a explicação kantiana da ciência geométrica e suas diferenças com as outras ciências matemáticas. Tentaremos mostrar as razões pelas quais Kant privilegia os procedimentos próprios da geometria quando ele se refere à metodologia matemática em geral.

Matéria, espaço e movimento nos Primeiros princípios metafísicos da foronomia

Orlando Bruno Linhares

Mackenzie – São Paulo, Brasil

Os *Princípios matemáticos da filosofia natural* de Newton são para Kant o modelo de realização científica desde a fase pré-crítica, com a publicação em 1755 da *História geral da natureza e teoria do céu*. Três décadas posteriores, Kant propõe em seus *Princípios metafísicos da ciência da natureza* uma fundamentação metafísica da referida obra de Newton a partir da analítica dos princípios presente na *Crítica da razão pura*, reinterpretando os conceitos fundamentais da filosofia natural newtoniana à luz do idealismo transcendental. Nesta palestra, eu discuto a interpretação proposta por Kant dos conceitos de matéria, espaço e movimento no primeiro capítulo dos *Princípios metafísicos da ciência da natureza*, denominado *Primeiros princípios metafísicos da foronomia*, para que a filosofia natural newtoniana possa se apresentar como um exemplo concreto da realização do aspecto teórico da filosofia crítica, atribuindo aos princípios transcendentais sentido e significação.

Kant e o problema de Newton

Eduardo Salles de Oliveira Barra

Universidade Federal do Paraná – Curitiba, Brasil

Até a publicação dos *Princípios da Filosofia* (1644) de Descartes a chamada “revolução científica” do séc. XVII não dispunha de um sistema metafísico à altura de suas conquistas científicas. Isso explica a sua entusiasmada recepção por uma geração inteira de jovens estudantes em toda a Europa. Ironicamente, a sua influência somente começou a declinar com o aparecimento da obra daquele que foi um dos seus mais assíduos e perspicazes leitores britânicos. Os *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural* (1687) de Newton, cujo próprio título faz alusão direta à obra de Descartes, promoveram uma nova e surpreendente síntese das realizações científicas de seus antecessores em torno de um conceito cujas dificuldades de fundamentação reduziram ao estágio inicial a tarefa à qual Descartes tão intensamente havia se dedicado. A ausência de uma metafísica da natureza capaz de inteligibilidade e sustentabilidade metodológica à investigação das “forças da natureza”, particularmente de forças que parecem agir a distância e produzir autênticas atrações, ameaçava reduzir a teoria newtoniana a uma mera reminiscência dos preconceitos escolásticos definitivamente sepultados pelo mecanicismo cartesiano – Leibniz e Huygens, entre outros, cuja importância na filosofia natural do séc. XVII é indubitável, pensavam exatamente dessa forma. Desse embaraço, surge, então, o que chamarei “problema de Newton”: como tornar compreensível a inatividade essencial da matéria diante da evidente atividade na natureza? Além da matéria inativa, o que ainda poderia haver na natureza? Se verdadeiramente existe uma fonte de atividade da natureza, qual poderia ser o seu substrato real, uma vez que, em princípio, está eliminada a possibilidade de ele seja a própria matéria inativa? A correspondência entre Clarke e Leibniz (1715-1716) pode ser considerada um cuidadoso exercício de precisar e escutinar esse problema. Os *Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza* (1787) testemunham o quão persistente se tornou o imbróglio newtoniano. Neste tratado, Kant dedica-se à construção de uma metafísica da natureza estruturada na distinção entre determinações matemáticas (essenciais) da matéria e as suas determinações dinâmicas (relacionais), concernidas, respectivamente, à essência e à existência das coisas, mas de modo algum irreconciliáveis entre si – como seriam se os próprios fenômenos fossem tomados como mônadas leibnizianas. O conceito de forças essenciais da matéria será crucial para promover a remissão mútua entre essas duas ordens de determinações. Não por acaso, portanto, as condições de possibilidade (construtibilidade na intuição pura) das forças essenciais da matéria ocupam um lugar central no programa que Kant desenvolve nos *Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza*, o que, por si só, lhe confere o status do empreendimento filosófico mais ambicioso do séc. XVIII de oferecer uma solução ao “problema de Newton”.

A abordagem transcendental das inferências abduativas no processo de investigação científica

Fábio Tenório de Carvalho

Universidade Federal de Pernambuco – Recife, Brasil

Na filosofia da ciência contemporânea, o termo abdução designa um modelo de inferência não dedutiva no qual o potencial explicativo da inferência é o fator preponderante para estabelecer a relação de implicação entre suas premissas e sua conclusão. Ao longo das últimas décadas, a análise satisfatória da função epistemológica das abduções na produção de conhecimento científico tornou-se um dos principais pontos de clivagem do debate entre realistas e anti-realistas, sobretudo na versão do modelo abduutivo mais conhecida hoje em dia pelo nome de inferência à melhor explicação e em especial nas discussões a respeito da subdeterminação das teorias científicas pelas evidências. Pretendo mostrar como o método transcendental kantiano de interpretação do conhecimento científico coaduna-se com a noção de abdução e, ao mesmo tempo, dissolve algumas das controvérsias que atualmente dividem realistas e anti-realistas. Para isso, analisarei duas características da abordagem transcendental: por um lado, sua concepção de uma estrutura hierarquizada das leis que constituem as teorias científicas, atribuindo valor heurístico e validade objetiva a certos princípios norteadores das pesquisas nas ciências naturais; por outro lado, a noção de construção matemática dos conceitos quando aplicada aos objetos da natureza, com suas consequências para a compreensão de como as teorias científicas tornam-se empiricamente adequadas e de que modo isso as qualifica como aproximadamente verdadeiras. Esse procedimento requer obviamente uma adaptação das teses e conceitos kantianos originais para um contexto bastante diferente. Por isso, pretendo também expor para debate os motivos de tais adaptações e as razões que podem justificá-las.

Kant e o conceito puro e aplicado das ciências formais e empíricas: o problema da lógica pura e aplicada

Luís Eduardo Ramos de Souza

Universidade Federal do Pará – Belém, Brasil

O objetivo deste texto é mostrar que Kant desenvolve, na sua filosofia teórica, um conceito puro e aplicado para a matemática e a física, tomadas como modelos das ciências formais e empíricas, cujo estatuto científico de ambas é, segundo ele, definido pelo método analítico-sintético. O conceito puro destas ciências equivale à classe dos seus conceitos e princípios não interpretados ou que independem da experiência, ao passo que o conceito aplicado delas corresponde a dos conceitos e princípios interpretados na experiência possível. Entretanto, é possível identificar o seguinte problema na filosofia da ciência de Kant: qual é o estatuto da lógica enquanto uma ciência formal?

Quanto a essa questão, três hipóteses serão aqui examinadas sobre a filosofia da lógica de Kant: (i) a lógica é uma ciência formal baseada apenas no método analítico; (ii) a lógica pura é uma ciência formal de caráter simbólico similar à álgebra; (iii) a lógica aplicada é um *órganon* do conhecimento similar à matemática com interpretações empíricas no campo da computação. Em linhas gerais, será mostrado que as hipóteses (i) e (ii) são justificáveis no interior da própria filosofia teórica de Kant, ao passo que a hipótese (iii) somente é possível de justificação além dela. Como referencial teórico serão usadas as principais obras sobre a filosofia teórica de Kant (*KrV*, *Pröl*, *MAN*, *Lo*), e, em particular, os textos de Loparic (2000), Ryle (1954), Quine (1972), Haack (2002), Mortari (2001), Da Costa & Krause (2015), entre outros, para cotejar as teses opostas, existentes dentro da própria lógica, quanto ao seu conceito puro (defendida pelos três primeiros comentadores) e aplicado (defendida pelos três últimos).

Mente e númeno: Kant, Clifford e os atuais estudos científicos da consciência

Oswaldo Frota Pessoa Jr.

Universidade de São Paulo – São Paulo, Brasil

Na 1ª edição da *Crítica da Razão Pura*, Kant (1781) fez uma conexão entre a coisa em si e a vivência consciente: “esse algo, que está na base dos nossos fenômenos externos, que afeta o nosso sentido, de tal maneira que este recebe as representações de espaço, matéria, figura, etc., esse algo, considerado como númeno (ou melhor, como objeto transcendental), poderia também, ao mesmo tempo, ser o sujeito dos pensamentos” (A358). Este trecho do 2º paralogismo, suprimido na 2ª edição, chamou a atenção do matemático e filósofo inglês William K. Clifford (1878), um ano antes de sua morte aos 33 anos: “Kant lançou a opinião de que a coisa-em-si poderia ser da natureza da mente”. Esta opinião de Clifford será colocada em discussão perante especialistas em Kant (nos quais não me incluo). Clifford leu neste trecho uma antecipação do seu conceito de *mind-stuff*, que pode ser traduzido por “material-mental”: (1) “Um sentimento, no instante em que existe, existe ‘em si e para si’ (p. 80); (2) “a realidade externa às nossas mentes, que é representada em nossas mentes como matéria, é em si material-mental” (p. 87). A segunda afirmação exprime a tese atribuída a Kant. Já a primeira defende que a vivência subjetiva é coisa em si, sugerindo que teríamos acesso direto à coisa em si por meio da consciência fenomênica. Esta primeira afirmação parece ir contra o postulado do idealismo transcendental de todos os fenômenos, “a doutrina que os considera, globalmente, simples representações e não coisas em si” (A369). A concepção de Clifford é hoje chamada de “pamprotopsiquismo”, defendendo que a mente surge a partir da organização de elementos “protopsíquicos”, espalhados por toda a Natureza. Clifford menciona que a segunda afirmação aparece também no psicólogo Wilhelm Wundt (1874) e no biólogo Ernst Haeckel (1878), o que iremos investigar. Exploraremos a concepção pamprotopsiquista hoje em dia, que é um dos programas filosóficos em competição nos atuais estudos científicos da consciência, apesar de bastante

minoritário. Ela se opõe a duas correntes que dominam e que podem se aliar: (i) o funcionalismo, e (ii) a tese da emergência forte da mente a partir da matéria. A primeira, no contexto da psicologia cognitiva, pode se aproximar bastante do idealismo transcendental.

Kant e a ciência do homem

Zeljko Loparic

Universidade Estadual de Campinas – Campinas, Brasil / Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP, Brasil

Vários processos que compõem a vida humana individual (por exemplo, os processos somáticos e psíquicos) e comunitária (divisão em raças, socialização, divisão territorial e em nações) e as patologias desses processos (doenças físicas, “de cabeça”, as guerras) podem ser vistos como parte de processos naturais em geral, ocorrendo lado a lado de processos puramente físicos, podendo, se não efetivamente, então pelo menos em princípio ser estudados de acordo com o programa kantiano de pesquisa para as ciências da natureza física. O tratamento das patologias correspondentes pode, por conseguinte, ser encaminhado e realizado nesses mesmos termos, no quadro de uma teoria geral da natureza e das tecnologias baseadas nela. Outros aspectos da vida humana individual e social, tais como realizações passadas e futuras do homem como agente livre, alcançadas ao longo de processos de cultura, civilização, moralização e formação de caráter, só podem ser acessados pela observação das suas manifestações na vida cotidiana e compreendidos em termos de princípios da razão prática como resultado de sua execução, devida ou indevida, por cada um de nós e pelo gênero humano como tal. Quanto aos procedimentos de tratamento das patologias de processos mencionados, eles permanecem os mesmos que os de execução devida. A modificação pelo homem da natureza humana em vista de uma racionalização, autonomização da natureza física e autodeterminação crescentes – esse é o principal objeto de estudo da antropologia de Kant. O presente trabalho visa a mostrar que a antropologia kantiana do ponto de vista pragmático contém uma ciência do homem construída no quadro de uma concepção revolucionária – não mais fiscalista (nem mesmo ontológica ou especulativa-metafísica), de natureza humana e da sua realização no tempo da história –, elaborada no quadro da semântica transcendental kantiana generalizada.

Sobreposições metateóricas do espaço em Kant, Leibniz e Newton

Marcos César Seneda

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, Brasil

O presente texto parte do pressuposto de que a radical irreducibilidade da estética às representações lógicas está no limiar do programa de pesquisa de Kant anunciado como uma filosofia

transcendental. Operamos aquí con la hipótesis de que este programa solamente puede ser defendido de manera consistente por Kant, porque él descubrió propiedades matemáticas que no podían estar alocadas en la experiencia. La solución que se encontraba a la mano de Kant sería transferirlas para la esfera inteligible, para lo que había una base epistemológica platónica a su disposición. Kant no solamente rechaza esta hipótesis, sino que invierte uno de sus presupuestos. Acepta que esos juicios serían establecidos en una base no empírica, pero rechaza que ellos serían desdobrados de modo analítico. Kant suma a este paradojo otro paradojo: alega que el tiempo y el espacio pueden ser matemáticamente sintetizados, pero resalta que el soporte de la síntesis, lo que la haría posible, no podría ser obtenido a través de ninguna composición progresiva. Valiéndonos de Newton da Costa, intentaremos primeramente mostrar las condiciones del contorno intelectual de esta descubierta de Kant, sin la cual la solución no podría ser encontrada de la manera como se dio, o sea, por un hecho cognitivo singular. En la secuencia, procuraremos mostrar las determinaciones que permitieron diferentes interpretaciones metateóricas de un mismo hecho cognitivo: la concepción del espacio. No obstante, nuestro interés principal no será validar una de esas concepciones (la de Kant, o la de Leibniz, o la de Newton) en comparación con las otras, como si se tratara de un juicio disyuntivo, sino apreciar esas concepciones a partir de sus superposiciones, valorizando el trayecto metodológico entre los alegados fundamentos de una propuesta cognitiva y los problemas que ella dice resolver.

Sobre la adquisición de los conceptos matemáticos. Kant y el problema del álgebra

Luis Alberto Canela Morales

Universidad Veracruzana – Xalapa, México

En perspectiva kantiana, la posibilidad del conocimiento surge de la conjunción o unidad sintética de la espontaneidad del entendimiento (categorías) con las formas a priori de la sensibilidad. La tarea es, precisamente, entender o comprender cómo se efectúa esa conjunción o unidad sintética analizando cada una de sus condiciones por separado y en su conjunto, es decir, “[...] mostrar cómo se engranan las diversas formas fundamentales del conocimiento, la sensación y la intuición pura, las categorías del entendimiento puro y las ideas de la razón pura, y cómo, en su interrelación, determinan la configuración teórica de la realidad”. En la *Crítica de la razón pura*, específicamente en el apartado “Del esquematismo de los conceptos puros del entendimiento” (A 137–147/B 176–187) se muestra, precisamente, este mecanismo junto con cada una de sus condiciones. En efecto, en el *Schematismuskapitel* Kant profundiza en la naturaleza y en la aplicación (*Anwendung*) de las categorías en la esfera de la sensibilidad. El problema que allí se aborda se presenta de la siguiente manera: ¿bajo qué condiciones es posible la (necesaria) aplicación de las categorías a la multiplicidad empírica? El asunto no es sencillo, pues por razones de heterogeneidad entre los términos antes mencionados, esto es, entre las categorías y la multiplicidad empírica, la aplicación parece requerir de un puente. La

cuestión de fondo reside en la *posibilidad de concordancia* entre los conceptos y los objetos a los cuales se dirigen, habida cuenta de que los primeros son condiciones de posibilidad de los segundos. Teniendo en mente esta discusión, este trabajo tiene el siguiente objetivo: en primer lugar, presentar la problemática del esquematismo trascendental; en segundo lugar describir cómo ocurre la construcción esquemática de los conceptos geométricos y, finalmente, especificar el lugar que ocupa el álgebra en la filosofía kantiana de las matemáticas.

A natureza da filosofia transcendental (ontologia) enquanto a primeira ciência da metafísica da natureza

Luis Cesar Yanzer Portela

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Toledo, Brasil

A conferência versará sobre a natureza da filosofia transcendental concebida por Kant como ontologia, a ser exposta como a primeira das ciências em que se constitui a metafísica da natureza, que projeta redigir após, e em referência, ao exposto e sustentado na *Crítica da Razão Pura*. Inicialmente, mostraremos que na *Crítica da Razão Pura*, na seção denominada *Arquitetônica da Razão Pura*, Kant sustenta ser ela uma propedêutica à metafísica da natureza - que é constituída por um conjunto de ciências segundo o modo em que o uso especulativo da razão se atém ao modo em que a natureza (o que é) se dá a conhecer de modo a priori e, assim, à primeira ciência das partes em que se divide; i.e., a filosofia transcendental concebida como ontologia, em sentido crítico. Na sequência, exporemos a definição que Kant, naquela seção, oferece de filosofia transcendental/ontologia. Feito isso, apresentaremos outras definições ofertadas por Kant acerca da filosofia transcendental concebida como ontologia, com o fito de mostrar que, por um lado, elas são idênticas à ofertada por Kant na seção da *Arquitetônica*, mas, por outro lado, que, ao apresentá-las, Kant sustenta ser a filosofia transcendental/ontologia aquilo que é exposto na *Crítica da Razão Pura* nas seções da *Estética Transcendental* e da *Analítica transcendental*. Por último, argumentaremos no sentido de demonstrar que: a) uma adequada compreensão disso que de início parece se apresentar como um contrassenso - i.e., a Filosofia transcendental/Ontologia exposta na *Crítica da Razão Pura*, deve executar o mesmo propósito que a que lhe deve suceder - conduz à chave que nos abre a perspectiva de uma adequada compreensão da natureza da filosofia transcendental/ontologia como a ciência que se constitui na primeira parte da *Metafísica da natureza*; b) que a filosofia transcendental/Ontologia a ser realizada após a *Crítica da Razão Pura* como primeira parte da *metafísica da natureza*, empreende um complemento e uma reexposição daquela já ali realizada, constituindo-se em uma filosofia definitiva tanto do ponto de vista analítico quanto sintético.

O ‘Conflito das Faculdades’ no século XX: A renovação kantiana da Escola de Marburgo

Rafael Rodrigues Garcia

Universidade Estadual de Campinas – Campinas, Brasil

Pretendo aqui me deter em alguns aspectos do programa de pesquisa da assim chamada Escola neokantiana de Marburgo com vistas a destacar a dimensão político-social deste programa, desde cedo concebido como uma filosofia da cultura. Isso pressupõe que a divisão mais difundida do desenvolvimento da Escola de Marburgo, segundo a qual há uma primeira fase mais marcadamente epistemológica que somente paulatinamente ganha terreno e conquista campos das assim chamadas ciências humanas, não se sustenta. Implica também dizer que os filósofos neokantianos nunca foram meros epistemólogos - cientificistas, no limite -, mas que tinham pretensões político-sociais mais amplas, coerentes com o programa de pesquisa que conduziam na universidade, e que isso perpassa toda a história da Escola, não apenas a fase da primeira guerra, nem tampouco surge apenas com a crise que leva ao nazismo e ao exílio de Cassirer. Para tanto, revisitarei a noção de método transcendental, abordarei o recurso ao método infinitesimal e o funcionalismo de Cassirer. Limitando-me às obras produzidas até o período da primeira guerra, procurarei destacar a interlocução desta escola com as ciências particulares e apontar a fortuna desta interlocução.

Similitudes e diferenças entre as filosofias de Kant e Cassirer: observações sobre o método e o *Faktum* da ciência

Lucas Alessandro Duarte Amaral

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo, Brasil / PNPd/CAPES

A filosofia de Cassirer é legatária da filosofia de Kant. Embora não haja grande controvérsia nesta afirmação, a tese exige um maior aprofundamento, especialmente no sentido de identificar o que define Cassirer como também um “kantiano”. Reduzir Cassirer a um mero reproduzidor das teses ou teorias de Kant inviabiliza compreender toda sua contribuição filosófica original e seu protagonismo dentro do contexto de um dos mais importantes movimentos filosóficos do período que se deu entre o quarto final do século XIX e décadas iniciais do XX: o neokantismo. Portanto, é preciso ter em conta quais são propriamente os elementos kantianos que permaneceram na filosofia de Cassirer e quais premissas foram modificadas naquele contexto, tendo em vista o caráter plural e multifacetado do movimento neokantiano. Em nossa apresentação nos ocuparemos com a análise da parte teórica dessa narrativa, *i.e.*, relativa às ciências naturais e formais trabalhadas por cada um dos autores, em que acentuaremos principalmente a importância histórica do método transcendental – iniciado por Cohen e, portanto, posterior a Kant – e seu papel sistemático na epistemologia de

Cassirer. Além disso, outro fator decisivo para reflexão transcendentemente orientada do neokantiano refere-se ao surgimento de novos campos das ciências que surgiram no século XIX. Todo esse rico e amplo contexto de sua época exerceu uma grande influência ao projeto cassireriano, o qual, por fim, acaba colocando-o em um trilho bastante distinto daquele traçado por Kant. Disso surgiram as muitas das diferenças entre eles no contexto de seus respectivos comprometerimentos filosóficos. Nesse sentido, buscaremos na apresentação expor e avaliar tanto alguns pontos de contato, quanto aqueles de distanciamentos existentes dentro das filosofias de Kant e de Cassirer, sobremaneira no que se refere às suas concepções de método e objeto da ciência.

Método dos “Prolegômenos” na investigação das ciências teóricas da razão

Fábio César Scherer

Universidade Estadual de Londrina – Londrina, Brasil

Nesta exposição pretendo analisar o método analítico utilizado nos *Prolegômenos* para a investigação da matemática, da física e da metafísica. Neste escrito de 1783 Kant visa responder à questão sobre a possibilidade das cognições sintéticas em geral e, em específico, da metafísica. Para tanto, parte da realidade e da certeza incontestável das proposições sintéticas *a priori* oriundas da matemática pura e da ciência da natureza e investiga o fundamento da sua possibilidade, se interrogando como elas são possíveis. O objetivo kantiano é derivar, através da determinação do princípio da possibilidade das cognições sintéticas *a priori* da matemática e da física, a possibilidade das cognições metafísicas, à medida que todas emanam da mesma razão pura. Esse plano analítico, embora exposto repetida vezes nos *Prolegômenos*, todavia, está longe de estar claro. As dificuldades vão desde a *lata* descrição kantiana do método analítico, em que não se especifica claramente as diferentes etapas e estratégias desse procedimento, até a identificação e a justificação dos passos adotados. Nesta exposição, em específico, pretendo explicitar aspectos vagos e ocultos do procedimento analítico de Kant via a sua vinculação à tradição pappusiana de resolução de problemas.

Sulzer, Tetens e Kant a propósito de “*préformation générale*”, “*Epigenesis durch Evolution*” e “*generische Präformation*”

Ubirajara Rancan de Azevedo Marques

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

No âmbito da presença em Kant de uma linguagem que a filosofia já mantinha em comum com a futura biologia, trata-se de abordar o tema do desenvolvimento do conceito kantiano de “*pré-*formação genérica*”*, expressão cuja presença nos *Gesammelte Schriften* do filósofo parece resumir-se ao

“§ 81” da terceira Crítica. Consoante tal intento, serão aqui examinados, afora textos do próprio Kant, escritos de Johann Georg Sulzer e Johann Nikolaus Tetens, materiais que, contemporâneos entre si, não só empregam expressões similares à futura “pré-formação genérica” [a qual lhes é formalmente posterior em 13 anos], mas assim o fazem—como de certo modo é também o caso na KU—em conclusão a um raciocínio que, afastando a suposta correção unilateral, quer do preformismo, quer da epigênese, opta por uma composição entre ambas essas orientações embriológicas.

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

Por uma Filosofia da ação em Kant: um estudo da terceira antinomia da razão pura

Ítalo Rio Tinto & Danilo Ribeiro Costa

Universidade Católica de Pernambuco – Recife, Brasil & Universidade Católica de Pernambuco – Recife, Brasil

A referida pesquisa defende como hipótese que há uma Filosofia da Ação em Kant. Para a demonstração da hipótese, a pesquisa se limitou à construção da referida Filosofia da Ação na *Crítica da Razão Pura*; mais especificamente na Terceira Antinomia da Razão Pura. O primeiro momento da pesquisa apresenta a *ação* como sendo um objeto de investigação relevante para a Filosofia a partir do problema de sua inserção no senso comum. Já o segundo, mapeia por toda a Terceira Antinomia os usos da palavra ‘ação’ [*Handlung*], com o fito de tornar presente os usos forte [*hard*] ou fraco [*soft*] do vocábulo. No terceiro momento a presente pesquisa reconstrói a teoria da ação kantiana presente na Terceira Antinomia, apresentando ao leitor o papel de conceitos como causalidade natural, causalidade pela liberdade, coação, arbítrio, necessidade, entre outros termos específicos da Filosofia da Ação e que já são próprios do vocabulário da Terceira Antinomia, por mais paradoxal que seja, considerando o papel cosmológico da referida antinomia. Por fim, o quarto momento apresenta argumentativamente, a partir de tudo que foi exposto, a estruturação de uma Filosofia da Ação na filosofia kantiana, mostrando que a racionalização da filosofia de Kant presume um tipo de condição legitimadora para a *ação* – enquanto operação humana – a partir da liberdade; além de ressaltar o caráter compatibilista por trás de tal pensamento filosófico.

Uma interpretação alternativa e kantiana do experimento de Libet: em defesa do livre arbítrio

Júlia Aschermann Mendes de Almeida

Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, Brasil

O objetivo principal do presente trabalho é analisar as consequências dos experimentos de Libet à filosofia moral kantiana. Kant afirmou serem a liberdade e a autonomia da vontade os princípios necessários à moralidade. A partir destes conceitos, desenvolveu um procedimento de averiguação moral capaz de julgar a correção de nossas máximas, o Imperativo Categórico. Benjamin Libet, neurocientista norte-americano, fez experimentos em que voluntários monitorados por uma máquina de EEG, eram orientados a movimentar a mão/ punho quando sentissem vontade. Os resultados dessa experiência revelaram mudanças elétricas na atividade cerebral *antes* da ativação do músculo envolvido. Isso indicaria que a ação começou antes de o sujeito decidir e ter consciência dela. Tais conclusões colocariam em dúvida a possibilidade de existência do livre arbítrio. Frente à essa nova descoberta, é possível, ainda, defender a filosofia moral da liberdade, desenvolvida por Kant?

A “Arqueologia da Natureza” (§80) sob o escrutínio da *Crítica*

Giovanni Sarto

Universidade de São Paulo – São Paulo, Brasil

O §80 da *Crítica da Faculdade de Julgar* não só abre o *Apêndice da Crítica da Faculdade de Julgar Teleológica* (que, por sua vez, encerra o livro), como traz para a obra *Crítica* uma discussão a qual não se pode exatamente dizer que ela havia apenas tangenciado, mas que decididamente havia recusado nomear. A hipótese ali debatida trata de postular, a partir de uma analogia das formas naturais, a existência primordial de um ser que servira de protótipo aos demais seres encontrados atualmente na natureza. Essa hipótese, se desenvolvida, sugere uma gradação entre estes seres, do menos conforme a fins ao mais conforme a fins, da existência meramente mecânica da matéria bruta ao ser que consegue colocar fins para si mesmo: o homem. Deste modo, ela ressalta a possibilidade de uma técnica própria à natureza, que percorreria artisticamente todas as etapas desse processo. A publicação das *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit* (1784-1791) da parte de seu ex-aluno, Herder, havia tornado impossível que o escrutínio crítico não se debruçasse sobre esse problema, ainda mais se levarmos em conta a avaliação pouco elogiosa, feita por Kant, da obra referida. O tópico em questão, porém, não fora inventado pelo autor das *Ideen*, sendo, antes, uma tópica do século XVIII. De Buffon e Maupertuis a Blumenbach, de Diderot a Herder, a ideia de uma unidade sistemática da natureza foi continuamente aventada. Antes de valer como princípio metafísico, a hipótese apresentada era um instrumento sem o qual o estudo da natureza não parecia ser capaz de vicejar. Isso não significa, entretanto, que os autores a representavam da mesma forma. No §80, porém, Kant personifica todas essas diferentes conjecturas na figura do “arqueólogo da natureza”. A disciplina correspondente, a “Arqueologia da Natureza”, que pouco ou nada tem a ver com o que nós conhecemos por arqueologia, poderia muito bem ter alcançado, na repartição epistêmica que o século XVIII conhecia, um lugar de destaque. De nossa parte, trata-se não de elucidar as razões pelas quais essa ciência não floresceu segundo o esboço apresentado por Kant no §80, mas de mostrar a pertinência dessa discussão para a investigação da natureza da época. Objetiva-se, portanto, inscrever o §80 na história dessa “aventura arriscada da razão” que, se é uma questão de época, nem por isso deixa de ser representativa do ponto de vista do desenvolvimento das ciências naturais.

A representação científica a partir das “Analogias da experiência” de Kant

Bruno Camilo de Oliveira

Universidade Federal Rural do Semiárido – Mossoró, Brasil

O objetivo deste trabalho é abordar a maneira como Kant considera as “analogias da experiência” ligações necessárias para ocorrer a representação científica do mundo físico. O método

consiste em analisar trechos selecionados da *Crítica da razão pura*, sobretudo o texto “Analítica dos princípios”, que apresentem as analogias da experiência como regras que determinam as ligações necessárias entre as percepções e a capacidade de compreensão dos fenômenos. Kant argumenta que embora os objetos sejam em si mesmos inacessíveis a nós isto não implica a impossibilidade de pensarmos neles. O resultado é uma perspectiva sobre o conhecimento científico capaz de considerar as analogias da experiência para manter alguns conceitos *a priori* sobre o mundo físico.

Filosofia natural e metafísica da natureza: Mairan e Châtelet como fontes científicas da filosofia do jovem Kant (1747)

Pedro Casalotti Farhat

Universidade de São Paulo – São Paulo, Brasil

Buscando fontes para o estudo da relação histórica entre Kant e as ciências da natureza, analisaremos o impacto de duas figuras importantes na filosofia e nas ciências do século XVIII sobre ele: Jean-Jacques d'Ortous de Mairan (1678-1771) e Gabrielle Émilie le Tonnelier de Breteuil, mais conhecida como Madame du Châtelet (1706-1749). Discutiremos o debate entre eles acerca das forças vivas, localizando-os conceitual e historicamente nesta disputa mais ampla e, em seguida, tratando da forma como incidiram no primeiro escrito de Kant, *Pensamentos sobre a verdadeira estimação das forças vivas* (1747). Nesta obra, o filósofo alega que “[n]unca antes o mundo esteve tão dividido em certas opiniões do que o é agora no que tange à medida das forças dos corpos em movimento” (AA I: 32) o que não surpreende, dado que para ele a “metafísica está, como muitas outras ciências, de fato ainda no limiar de um conhecimento corretamente fundamentado” (AA I: 30). A importância do debate fica mais evidente conforme Kant alega que o “método” da obra seria inspirado diretamente na forma como Mairan “empregou uma reflexão acerca da escolha dos fundamentos” da estimação leibniziana (AA I: 93). Entretanto, a questão se complexifica conforme o resultado desta abordagem acaba não com uma completa obliteração da noção de “força viva”, o que seria esperado por Mairan, mas sim com a refundação deste conceito e da própria ideia de metafísica da natureza ligada a ele, o que parece harmonizar mais com o projeto de Châtelet. Não surpreende, assim, que Kant declare que sua “intenção principal” era “melhorar a medida leibniziana das forças” (AA I: 28), pois embora discuta nos termos dos experimentos e das argumentações dos partidos em disputa, seu objetivo nunca foi tomar um lado, mas sim fazer avançar o conhecimento científico. Isso, evidentemente, não significa que ele fosse um filósofo dogmático, mas sim que desejava promover as condições de uma conciliação científica através do que nós poderíamos chamar distinção dos domínios de aplicação dos conceitos. Acreditamos poder dizer que em 1747 Kant estava ensaiando uma primeira versão de um movimento que se tornaria característico seu, basilar para a elaboração da filosofia crítica. Isso se passa, contudo, deixando obscuras suas fontes iniciais, as quais aqui tentaremos revelar em parte.

Kant e Mayr: Teleologia e Biologia evolutiva

Luhan Galvão Alves

Universidade Estadual de Campinas – Campinas, Brasil / Instituto Federal de Mato Grosso – Cáceres, Brasil

O filósofo Immanuel Kant e o biólogo Ernst Mayr são duas figuras importantes que defenderam o uso da ideia de teleologia na ciência. Obviamente, o contexto histórico e científico que permeou a defesa realizada por cada um, assim como a constelação de problemas filosóficos a que cada uma delas se conectou, é incomensurável. Todavia, ao posicionar-se diante de algumas objeções ao uso da teleologia nas ciências biológicas, Mayr, no ensaio intitulado *The idea of teleology* (1992), assinala dois elementos que indicam como a ideia de teleologia kantiana pode dialogar com a Biologia contemporânea – particularmente, o campo da Biologia evolutiva –, desde que se tome como referência o problema de seu *uso* nas investigações científicas. O primeiro elemento é sobre a importância das perguntas que começam com o *por quê?*, fundamental para as ciências biológicas após 1859 (ano da publicação de *On the Origin of Species*, de Darwin), por abrir as portas para um vasto campo de pesquisa, que vai além das perguntas que começam com o *o quê?* e *como?*, suficientes para as ciências físicas. O segundo elemento diz respeito ao posicionamento de Mayr sobre não haver um conflito entre uma análise causal e teleológica. O objetivo central dessa comunicação é mostrar como esses dois elementos indicados por Mayr evidenciam como a teleologia kantiana (desenvolvida na segunda parte da *Crítica da Faculdade de Julgar*, publicada em 1790), em pontos particulares, pode dialogar de modo franco e produtivo com os biólogos evolucionistas (os cientistas) – para além dos “campos elísios” da filosofia.